

Antônio Lazzuliⁱ

ODE UM TANTO TRINFAL À HORTA OU À AORTA EM CINEMASCOPE

"Mas eis que a terça metade,
aquela que é menos dose
de matemática verdade
do que soco, tiro, ou coice,
vai e vem como coisa
de ou, de nem, ou de quase."

Paulo Leminsky

Mexendo na terra, logo aquela pequena extensão de animal
ondulante cavadora de túneis surge: sim, é uma minhoca.

Seria possível sentir alguma repugnância mas, sabemos, minhocas
fertilizam a terra, húmus, tê-las ali é excelente sinal.

Então passei a admirá-las e me intrigava a ideia de, sendo
tão, digamos, maleáveis, agüentarem todo o peso da terra.

Deve ser necessária uma engenharia minuciosa e precisa
para construir túneis de maneira que o mundo não desabe.

A terra só se afofa depois da intervenção da enxada, até lá
há pontos em que parece tijolo, se avermelha, pedra dura.

O quintal não parecia bem cuidado, era possível encontrar
garrafas de vidro vazias carbonizadas, queimavam lixo ali.

Logo descobrimos, a terra estava repleta de minhocas, chegava
ser bonito vê-las em seus movimentossssssssssssssssssssssss.

Eventualmente, a enxada cortava uma minhoca em duas
metades que se mexiam agitadas. Às vezes, três metades.

Era possível ver a dor de cada metade impedida por um

violento golpe de enxada de ser uma íntegra unidade.

Juliana é a filha de minha esposa. Foi ela que disse que as minhocas se regeneram como as cobras, inteiramente.

Não é preciso um olhar agudíssimo para se perceber que há semelhanças entre uma minhoca e uma cobra.

Porém, a regeneração completa de ambos os bichos é uma semelhança e tanto. A minhoca é uma cobra esvaziada.

Isso diminuiu um pouco a angústia a cada nova investida da enxada contra a terra. Mas não queria criar novas minhocas.

Enquanto molhávamos as mudinhas recém-plantadas um casal de borboletas fazia um sexo colorido num galho.

Eu nunca havia visto nada como aquilo. Metade do corpo da borboleta (ou um pouco menos) é um órgão sexual.

Eram duas metades que agora eram uma unidade. Se assustaram com a minha presença grandalhona.

A unidade formada pelas duas borboletas levantou vôo e continuou uma unidade em ziguezague no ar.

A borboleta macho batia as asas com o órgão sexual introduzido na borboleta fêmea por baixo. Ela não caiu.

Uma cena digna de entrar para o Kamasutra do mundo animal ou o Guinness Book do mundo animal. Ou ou.

Claro, isso é apenas uma brincadeira que foi crescendo. Não sei se essa é uma cena costumeira entre borboletas.

Mas nunca vi nada nem parecido no Discovery Channel. Uma unidade de borboletas em pleno sexo em pleno vôo.

As mudinhas foram transplantadas a pouquíssimo tempo. Estavam na mercearia ao lado. Compramos várias, várias.

O preço da mudas variava, tínhamos poucas moedas. A mudinha de maracujá era a mais cara. Maracudepois.

Não havia moedas suficientes e plantar maracujás exige um caramanchão. Caramanchão é uma palavra bonita.

Maracudepois. Mas me agrada a ideia de um pé de maracujá-depois no quintal. Susane gosta de maracujás. Muito.

Maracujá é uma fruta que me lembra a velhice. Pode ser que eu ainda não aceite bem a velhice. Maracudepois.

Dona Alexandrina é a dona da horta grande que conhecemos logo que chegamos à cidade pequena.

Ela é uma pessoa generosa com dois pulmões ressecados por uma doença que não sei o nome.

Por causa disso, ela possui uma voz quebradiça que nem por isso deixa de ter tons afetivos.

Vi um chuchu no pé. Ela diz: "todo mundo se encanta com esses chuchus." isso algum tempo depois de ter dito

"todo mundo se encanta com meus bebês." Que surpresa ver sua coleção de bebês em miniatura na cristaleira!

É ela que alimenta o cachorro amarelo da rua e por isso ele anda sempre ao seu lado. É muito fiel.

Exceto por um detalhe. D. Alexandrina gosta de achar que Pingo é mansinho apenas quando ela está junto.

Quando chegamos à rua, Pingo veio até nós com um pedaço de jornal na boca. Sem D. Alexandrina.

Pingo despejou o pedaço de jornal a poucos metros de nós. Balançava o rabo esfuziantemente.

"Ele sabe que a gente gostou do que ele fez". "Sim."
"É o jornaleiro", "Sabe dizer extra-extra?" "Au-au."

O que não deixa de ser uma repetição. Seus olhos eram doces. Duas nêspas com deslocamento de natureza.

D. Alexandrina é uma pessoa generosa que gosta da ideia de ter um cão perigoso. "Ele corre atrás das pessoas, dizia"

Não sei o que atrapalha mais a leitura de meu jornal matinal. A horta ou o pomar. As acerolas não perdem tempo.

Elas lembram glotes inflamadas se estendendo uniformemente por todos os galhos. Minicrepúsculos condensados.

O que era verde se torna vermelho do dia pra noite.
Tudo muito rápido, a colheita é diária e o suco bom.

Demorei muito tempo para aprender o nome de
D. Alexandrina Imperaldina Esmeraldina e etc. e .

Segurar suas alfaces reduz a estatura. Para quem
nunca jogaria num time de basquete é uma experiência.

Impossível não sentir gratidão pela terra. Impossível não
pensar que a terra ensina como ser generoso. D. Alexandrina.

80 % aproximadamente do verde do mundo estão nas alfaces
de D. Alexandrina. Eram bem grandes mesmo. Nada igual.

Por falar em verde vamos mudar um pouquinho de assunto.

A parede verde da sala tinha umas manchas. Parecia
um mapa-múndi se estendendo quadricularmente até a porta.

Dar uma volta pela sala era dar uma volta ao mundo
sem passaporte mas nem todo mundo tem senso de humor.

Por isso logo a parede azul da sala será apenas a parede
azul da sala. Uma parede limpinha no lugar do lúdico.

Isso é apenas uma brincadeira que foi crescendo.
O homem que irá fazer a reforma já fez o orçamento.

O homem que irá fazer a reforma também é o homem
que irá consertar o chuveiro da suíte. Não cai água.

O nada é um chuveiro de onde não cai água. Mas
nem por isso o homem que irá consertar o chuveiro é tudo.

As manchas da bota suja de terra do homem que vai
consertar o chuveiro lembram marcas de patas de coelho.

Eu fico olhando as marcas das patas de coelho pelo chão
do banheiro, perco a explicação do porquê de não cair água.

Era algo assim: quando aquilo vai pra baixo outra coisa
vai pra cima em curto nada de água. As marcas de coelho.

O homem que está concertando o chuveiro abre o chuveiro

e surge uma peça de metal que vai para cima e para baixo.

Agora a água quente é água quente ao contrário do outro chuveiro em que a água super quente é água quente.

Chuveiro á algo complexo. O homem do chuveiro tinha duas alfaces da D. Esmeraldina no lugar dos olhos.

O homem que enxergava com alfaces tinha também o número 11 na frente da sua moto. Duas solidões.

Ou duas unidades próximas se você preferir. O número da nossa casa também é onze as coisas estão no lugar.

Na placa da moto estava escrito a palavra God. Ele partiu e agora sai fumaça embaixo da palavra God.

D. Esmeraldina é uma pessoa generosa mas nos deu um presente com uma caveira preta e uma palavra feia.

Era uma embalagem de sementes de chicória ou escarolas bravas. D. Esmeraldina disse que eram sementes de alface.

Talvez aquilo que estava na cavidade ocular do homem consertando o chuveiro não fosse alface e sim uma escarola brava.

Embaixo da caveira está escrito que as sementes são tratadas com a palavra feia e que se crianças engolirem a palavra feia

é bom chamar um médico rápido. Acho que verduras que fazem mal às crianças não combinam com nossa horta. Lixo.

Um bando de maritacas pousa em algumas árvores logo não sabemos mais o que são folhas o que são maritacas.

Ladrões se equilibram num galho da tangerineira. Parece que fogem do guardinha do Keistone Kapers. Lembra?

Podem se desequilibrar a qualquer momento, mesmo o suicídio é possível, couves são compassivas mãos braços.

Os canteiros onde as mudas são plantadas chamam-se camas. Dependendo do ponto de vista, pode ou não ser ironia.

Dependendo do que se costuma fazer no móvel-cama um canteiro-cama pode ter uma ou outra conotação.

Se costumamos ficar imóveis no móvel-cama um canteiro-cama é uma ironia. Uma ironia like iron. Põe iron nisso.

Se costumamos nos exercitar em intrincadas acrobacias e malabarismos um canteiro-cama é algo bem apropriado.

Porque abrir uma cama numa horta é algo que demanda uma energia incrível. O crescimento das plantas, orgasmático.

Juliana pergunta –“ E essas poncãs, quando amadurecem?”
“Duas semanas. Ou três.” Juliana repete “ou três...” e sai.

Juliana diz: “ As plantas estão mega felizes”. A gíria faz tudo parecer um videogame. Camas na fase 3. “ou quatro...”

O proprietário da casa nos disse que há uma jabuticabeira no quintal. Já reviramos tudo e nada da jabuticabeira.

Agora precisamos nos esforçar diariamente para o nosso lindo quintal não virar apenas um quintal sem jabuticabeira.

Se eu não tocar uma das 3 únicas músicas que sei tocar ao violão, ele vai se desafinar novamente, e aí babau.

Quem tem uma horta sabe que quando se tem uma horta não se tem tempo para aprender a afinar violões. Vilões.

Escavando a terra com a enxada, quebrei o plástico duro vermelho onde a mão se alojava para o trabalho. Doe.

O plástico vermelho mordida minha mão como um Dobermann quando consegui me soltar, olhei a ferida: um coração, certinho.

Passei a aplicar a força na madeira embaixo do plástico, isso durou toda a manhã . A ferida bate num compasso saudável.

O QUE EU QUERO SER QUANDO CRESCER

*ao coelhinho da Páscoa
porque eu já passei da fase*

do coelhinho da Playboy

Quando se é jovem, bem jovem,
a gente pensa que o azul do céu nos blinda
a gente faz um copo com o corpo de qualquer cacto,
e brinda e brinca com os espinhos.

Há gente que pense que deixar de ser jovem é uma
decisão interna. Isso não significa que será interrompido
o fluxo de produção de novos cabelos brancos
ou de intrincadas encruzilhadas nos cantos
dos olhos. Mas acontece, existem duas maneiras de ficar
velho: envelhecendo, ou trazendo junto a criança.

Um homem que nunca vi me deu bom-dia: foi o suficiente para ver
o homem subir na bicicleta de um jeito
que nunca vi um homem subir numa bicicleta.

Ele estava azul mas eu já cresci o suficiente
para saber que nem mesmo o azul de um homem subindo
numa bicicleta nos blinda.

As duas rodas da bicicleta eram uma lente de óculos
me faziam ver as coisas de um modo
completamente estranho.

A casa azul e branca da esquina
que tem na fachada acima da porta
duas figuras femininas se beijando.

Agora eu vejo o esforço dos anjos
que sustentam aquilo
agora eu vejo o suor escorrendo.

Mas agora eu subo nas gotas do suor dos anjos
e já tenho o corcel cristalino e aquoso
que sempre quis ter
quando ainda nem sonhava em envelhecer.
Asas como acessório.

Eu já passei da fase
de não ver asas no suor dos anjos &&

E já passei da fase
de não ver o corcel cristalino e aquoso

defecando bolas de sorvete.

Já passei da fase.

Eu sou desses que pensam que envelhecer
tem sempre um pé de galinha à frente:
você escolhe para onde quer seguir,
E um pé de galinha tem sempre um pródigo conjunto
de possibilidades, pelo menos três caminhos
por cada um.

Você terá que escolher ao longo da trajetória,

você não é uma bala saindo do cano de uma Mauser,
você é gente, ora.

Você pode acreditar apenas na imagem que o espelho te mostra
todos os dias. Aí haverá pouca diferença
entre você e um ovo.

Ou pode olhar pra dentro ao menos uma vez
e se deixar levar
pelo esverdeado convite do que está dentro.
Aí você será o ovo.

O ovo é uma coisa que parece um pé de galinha:
tem muitas possibilidades.
Você pode escolher o caminho que quer seguir.

O ovo é uma coisa que está sempre prestes a acontecer

O ovo é uma coisa que pode acontecer a qualquer momento

O ovo é uma coisa que quando você menos espera acontece

Ali, onde 200 olhos de vacas reunidas
são estrelas
que ainda
se assustam.

E brincam e brindam.

A MENINA DE GELO

Ela era uma menina tímida
Vivia num cubo de gelo
Então era uma menina
Tímida e gelada
Era uma menina que se saísse
Do cubo de gelo
Derretia
Era tão tímida
Que de tanto viver no cubo
De gelo
Acabou virando gelo
Ela era uma menina
Gelada e transparente
Tudo ia bem
Enquanto a geladeira
Funcionava perfeitamente
Um dia a geladeira
Quebrou
Bem no dia
Em que doeu
Seu siso

Ela não teve outra
Alternativa
Gritava sem parar
Até que a porta
Abriu.

Não havia o que fazer
Técnico aquela
Hora não havia
E o problema era
No motor.

A dona da casa
A pegou no colo
Nunca tinha
Visto nada parecido
Foi procurar a vizinha
Tentar um pernoite
As gotas caíam
Pelo caminho

Difícil dizer
O que era lágrima
O que era perna
Braço
Pé.

Recebido em 14/05/2013
Aprovado em 01/06/2013

ⁱ **ANTÔNIO LAZZULI** nasceu no Rio de Janeiro. É poeta, psicólogo, e tem poemas publicados em algumas revistas digitais: Mallarmagens, Germina, no blog "As Musas Pós-Modernas" do poeta Nuno Rau, etc... No momento trabalha em seu livro inédito e ainda sem título definido.